



# A VIA CRUCIS DO PRAZER: NECROFILIA EM “OS CORDEIROS DO ABISMO”, DE MARIA RIBEIRO<sup>1</sup>

## THE VIA CRUCIS OF PLEASURE: NECROPHILIA IN “OS CORDEIROS DO ABISMO”, BY MARIA RIBEIRO

Fábio Júlio de Paula Borges<sup>2</sup>

José Elias Pinheiro Neto<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a relação que a linguagem, pelo viés psicanalista freudiano, na formação de subjetividades culturais e na compreensão dos casos de necrofilia praticados por Leopoldo, personagem protagonista do romance *Os cordeiros do abismo*, bem como estabelece as suas consequências psíquicas. Trata-se de uma revisão bibliográfica, e para isso, recorre-se ao seguinte *corpus* teórico: Freud (2019), Moscatello (2010), Lopes (2017), Hall (2006), Costa (1992), Laraia (2004) Iser (1983) e Aristóteles (2001). Verdadeira ou fantasiada, a necrofilia em Leopoldo evidencia mais do que uma patologia, esboça em seus delírios toda uma desestrutura familiar que teria influenciado os seus comportamentos sádicos. Na caminhada final de Leopoldo, há avaliações internas e externas a serem feitas, pontos de interrogação que permanecem sobre o fardo da vida. A cruz como símbolo de tudo aquilo que não se quer carregar, daquilo que se quer negar para transcender a um lugar maior, talvez seja o treinamento para a elevação da consciência na purificação dos erros cometidos. Leopoldo e as demais personagens se fizeram humanos na medida em que serviram à encenação narrativa deixando à mostra ao leitor, todos os seus crimes e perversões.

**Palavras-Chave:** Literatura. Romance. Cultura. Necrofilia.

<sup>1</sup> Este trabalho é parte do projeto de pesquisa DILEMAS SUBJETIVOS DE LEOPOLDO NO ROMANCE *OS CORDEIROS DO ABISMO* DE MARIA LUISA RIBEIRO desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás com cadastro na Pró-Reitoria de Pesquisa (PrP).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. (Goiás, Goiás, Brasil) [depaulafabio@outlook.com](mailto:depaulafabio@outlook.com) <https://orcid.org/0000-0002-7431-4112>

<sup>3</sup> Estágio Pós-doutoral em andamento em Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas do Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente na Universidade Estadual de Goiás (Itapuranga, Goiás, Brasil) e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, Goiás, GO, Brasil. [joseeliaspinheiro@gmail.com](mailto:joseeliaspinheiro@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>.

## ABSTRACT

*The aim of this paper is to discuss the relationship that language, through Freudian psychoanalyst axis, contributes to the formation of cultural subjectivities and to the understanding of cases of necrophilia practiced by Leopoldo, the protagonist of the novel Os cordeiros do abismo, as well as its consequences psychic. This is a bibliographic review, and for this, the following theoretical corpus is used: Freud (2019), Moscatello (2010), Lopes (2017), Hall (2006), Costa (1992), Laraia (2004) Iser (1983) and Aristóteles (2001). True or fantasized, the necrophilia in Leopoldo shows more than a pathology, outlines in his delusions a whole family structure that would have influenced his sadistic behaviors. In Leopoldo's final walk, there are internal and external evaluations to be made, question marks that remain about the burden of life. The cross as a symbol of everything that you do not want to carry, of what you want to deny in order to transcend to a greater place, perhaps it is the training for raising awareness in the purification of the mistakes made. Leopoldo and the other characters became human insofar as they served the narrative staging, exposing to the reader, all their crimes and perversions.*

**Keywords:** Literature. Novel. Culture. Necrophilia.

## INTRODUÇÃO

*Então, querida, dize à carne que se arruína,  
Ao verme que te beija o rosto,  
Que eu preservarei a forma e a substância divina  
De meu amor já decomposto!*

Charles Baudelaire

*Os cordeiros do abismo*, romance de Maria Luísa Ribeiro, foi lançado primeiramente em 2004, e a segunda edição apenas no ano seguinte. A autora, na narrativa, mostra a capacidade do ser humano em se adentrar no que ela chama de “travessas”; não apenas percursos espaciais, mas rotas de si mesmo, de seus próprios desejos. Segundo Angelita Lima (2013), na tese *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A centopeia de neon e Os cordeiros do abismo*, ao se apoiar em Olival (2009), diz que a romancista acompanha “uma tendência que mais vigorosamente se manifesta na literatura pós-1990: a de enveredar pelas pulsações marginais latentes no ser humano” (OLIVEIRA, p. 246 *apud* LIMA, p. 144). Na narrativa de Ribeiro (2005), essa pulsação atinge os limites do sórdido.

As personagens, à medida que atravessam a *via crucis*, Avenida Dias da Cruz, nome sugestivo para a peregrinação rumo ao abismo, cometem e são acometidas pelos atos perversos desencadeados por Leopoldo Dornellas, o protagonista. A própria autora do romance explica a criação do nome da rua, ela diz em entrevista a Lima (2013): “Mas a rua que eu vejo é a rua do mundo e chama Dias da Cruz. Eu não pensei, o que eu pensei mesmo foi Dias de Cruz. Então foi uma forma de dizer Dia de Cruz. É um calvário, não é a rua” (LIMA, 2013, p. 228). A caminhada ao calvário é marcada por diversos tipos de pecados e crimes.

O romance da autora brasileira Maria Luísa Ribeiro, narra a história de Leopoldo, filho de Tarsila Dornellas e Aristides Dornellas, dono de um cartório do qual Leopoldo será o herdeiro e

de onde partirão as grandes pistas para que ele descubra as suas vítimas. Durante a sua vida, o protagonista tentou cursar diversas faculdades, dentre elas a de Filosofia e a de Direito, no entanto, o curso que mais lhe chamou a atenção foi o de detetive. O cartório abrigava inúmeros registros de crimes, todos com fotografias com as quais o necrófilo se satisfazia em seus desejos perversos. Leopoldo mantinha uma relação conturbada com a mãe, a via desde a adolescência como uma prostituta. Ele sabia que ela saía com outros homens e mulheres, mas não tinha a consciência de que tudo era feito para satisfazer o pai. Culpava-a por tudo, seja por não levá-lo à missa, ou por não lhe contar histórias quando pequeno. Admirava o pai, mas não sabia que ele tinha um caso com Custódio, um funcionário do cartório. Casado com Eulália, viciada em perfumes franceses e chapéus, Leopoldo sempre viveu em um relacionamento de aparência. Sua esposa também mantinha um caso com a sogra.

Em seus instintos de prazer, na ida, denominada *A via cruz*, primeira parte do romance, Leopoldo, em *flashback*, lembra de todo tipo de atrocidade que cometeu. Ele estuprou uma garota de treze anos, Bertrini, que sofria pela morte dos pais. Aproximava-se das vítimas, identificadas nos processos do cartório, seduzindo-as; inclusive, uma delas, Aurora, que chegou a engravidar do necrófilo, mas foi incitada por ele a abortar, sendo morta tempos depois junto com o filho. Na trama, o protagonista acreditava estar no corpo e ser a pessoa morta que ele viu nas fotografias dos processos, mentalizava seus nomes e durante o ato sexual, fosse homem ou mulher, julgava encarná-los; em alguns casos, usava as roupas do falecido para intensificar o seu prazer. Cometeu incesto, ao se deitar com a mãe, Tarsila Dornellas. Na segunda parte do romance, o retorno, em tempo real, Leopoldo, acompanhado de Marina – representada ora como humana, ora como uma bacia-fetichê –, busca se redimir de tudo aquilo, narrando-lhe os seus feitos. Segundo Freud (2019), o fetichê é o substituto do pênis da mãe. O menino, no seu processo de desenvolvimento, ao sofrer o complexo de castração, percebe a ausência de pênis na menina, o fetichê servirá como supridor dessa falta. Leopoldo, ao desabafar para a bacia os seus crimes, parece ser atingido por uma ação terapêutica, e a busca pelos endereços das vítimas integram esse quadro de restituição psíquica. O final da história evidencia a busca de Leopoldo por redenção e pela purificação dos seus crimes e pecados.

Durante a travessia, segredos e relações ocultas vão sendo revelados pela multiplicidade de focos narrativos. Todos os cordeiros que emergem do abismo pertencem aos colóquios sociais, como expõe o narrador-protagonista. As posições que cada um deles ocupa interferem na concretização dos seus desejos sórdidos, pois é importante para Leopoldo ser detetive, casado com Eulália, integrante de uma família que aos moldes da sociedade seria considerada modelo. Contudo, o que se vê é o rompimento desses padrões. Ribeiro (2005) vai desenrolando, em sua tessitura, uma sociedade hipócrita, doentia e criminosas.

As personagens da trama são representações de sujeitos fragmentados, pós-modernos, usando a perspectiva de Stuart Hall (2006) em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*. Segundo análise feita por Angelita Lima (2013), o conhecimento sobre Leopoldo conduz à percepção de um sujeito “descentrado, e põe em movimento o sujeito do devir, conforme definição em Deleuze e Guattari (2012)” (LIMA, 2013, p. 144). Leopoldo busca o tempo todo a sua identidade, aquilo que ele é, isso se verifica no que Lima (2013) chama de *devir-cadáver*: a personagem assume o papel dos mortos das fotografias, sejam eles homens ou mulheres, para conquistar os viúvos/as. Mas não se serve apenas das fotografias para que exista em outro corpo, neste caso dos defuntos, as imagens das pessoas mortas, guardadas nos arquivos do cartório de seu pai, alimentam a sua fantasia sexual. Leopoldo, durante a sua travessia, pratica dois tipos de necrofilia: a *verdadeira* e

a *fantasiada*, termos usados por Anne Dias (2016) em seu artigo *Desmantelando o monstro: o necrófilo de Gabrielle Wittkop*.

Dias (2016), ao analisar como a necrofilia se manifestava em algumas culturas, afirma que por meio dessa prática os indivíduos buscavam se comunicar com os mortos, quando não, fazê-los ressuscitar. O artigo da estudiosa traz uma importante discussão que vai desde a etimologia da palavra, passando pelos aspectos socioculturais, até de que maneira a necrofilia foi retratada na Literatura. Conforme a autora, etimologicamente, o termo “une os étimos νεκρός [nekrós], ‘morto’, ‘cadáver’, e φιλία [filía], ‘amor’” (DIAS, 2016, p. 212). Ou seja, amor aos mortos. Algumas personalidades históricas são relacionadas à prática “Herodes, o Grande, Carlos Magno e o Rei Valdemar IV da Dinamarca” (DIAS, 2016, p. 212). Como visto, essa relação que nos dias de hoje é considerada como um atentado àqueles/as que não conseguem se defender da violência sexual, antes era tida como algo comum e aceitável em algumas culturas. Segundo Dias (2016), a prática já foi vista também como satânica, isso mostra como as manifestações humanas podem variar dentro de um determinado tempo e contexto sociocultural.

De acordo com a teórica, os estudos sobre a necrofilia parecem ter surgido com Joseph Guislain (1797-1860), um reformador clínico e alienista belga, em seu trabalho intitulado *Leçons orales sur les Phrénopathies*, de 1850. Já no século XX, ainda nas palavras de Dias (2016), dois psiquiatras, Rosman e Resnick analisaram 120 casos de necrofilia buscando compreender as causas. Para os sociobiólogos, a química do cérebro determinaria o percurso desviante. Já os sociobiólogos evolucionistas entendem que os genes podem interferir nesse comportamento.

Nesse sentido, objetiva-se neste artigo: 1) discutir de que forma a linguagem, pelo viés psicanalista freudiano, contribui na formação de subjetividades culturais e, conseqüentemente, na compreensão dos casos de necrofilia; 2) analisar os tipos de necrofilia praticados por Leopoldo, bem como as respectivas conseqüências psíquicas.

Sabendo-se que a narrativa de Ribeiro (2005) é psicológica e social, imbuída de diversas manifestações sexuais, dentre elas a necrofilia, considerada como uma parafilia pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), recorrer-se-á ao seguinte *corpus* teórico para a análise: Freud (2019), Moscatello (2010) e Lopes (2017) no que diz respeito aos comportamentos psíquicos; Hall (2006), Costa (1992) e Laraia (2004) sobre os conceitos de linguagem e cultura; Iser (1983) e Aristóteles (2001) para a constituição de personagens e imitação no campo literário.

O resultado da análise aponta para a expressão dos caracteres humanos enquanto estimuladores dos dilemas sociais.

## 1 LINGUAGEM, SUBJETIVIDADE E CULTURA: O AMOR AOS MORTOS EM PANORAMAS PSÍQUICOS E LITERÁRIOS

A linguagem contribui na formação das noções que as sociedades possuem a respeito de seus comportamentos, taxativos ou não. Para que se possa compreender melhor essa relação entre linguagem, cultura e necrofilia, faz-se uma aproximação desse pensamento a partir de uma análise feita por Jurandir Costa (1992), em seu livro *A inocência e o vício – Estudos sobre o homoerotismo*. Ressalta-se que Costa (1992) não aborda a necrofilia, mas oferece um importante material sobre o desempenho da linguagem na produção de subjetividades e da edificação de tabus sociais dentro de determinadas culturas.

Já na *Introdução*, o teórico evidencia o diálogo entre Teddy e Nicholson, o primeiro personagem dá título ao conto de J. D. Salinger. Segundo Costa (1992), Teddy mostra como há várias possibilidades de se expressar as emoções, os sentimentos e o amor. Ao retomar a discussão do conto, o estudioso explica que, para os pais de Teddy, amar é amar sentimentalmente a Deus, e o amor direcionado aos filhos está envolto em motivos particulares. Teddy afirma nunca ter se emocionado, porém, tem noção do significado desse sentimento. Nicholson fica confuso perante a afirmativa do amigo. Costa (1992), para descrever a subjetividade das personagens do conto, utiliza o termo *vocabulário*; e é este que reproduz diversas subjetividades que poderão ser familiares, idênticas ou estranhas para os indivíduos.

A palavra *vocabulário* é utilizada não no sentido de um simples glossário, afirma o estudioso, mas no de prática linguística, ou de jogo de linguagem e forma de vida. Desse modo, *vocabulário* tem o mesmo significado de *linguagem*. O autor explica que a palavra *linguagem*, usada pela psicanálise tradicional, corresponde à ideia de instrumento de representação. Essa noção prejudica o entendimento de formação de subjetividades. É com Freud, segundo assinala o teórico, e mais especificamente com Lacan, que a linguagem não será entendida como um “ ‘ser simbólico’, um *tertium quid*, cujo substrato material, gráfico ou sonoro, tem por função ‘representar’, para a Razão, a Mente, o Sujeito, a Consciência, o Espírito etc., aquilo que lhe é exterior ou extrínseco” (COSTA, 1992, p. 14). Ainda de acordo com esse estudioso, a linguagem não possuiria uma tarefa fixa, o mais interessante seria pensá-la como propiciadora de laços discursivos entre os indivíduos ou entre as coisas e seus estados. Esse laço ou ligação freudiana significaria a pulsão sexual ou a pulsão de vida.

Para Costa (1992), a subjetividade é um efeito das linguagens, de práticas linguísticas que orientam suas regras de formação e de reconhecimento do público e do privado. O teórico, pautando-se em uma expressão davidsoniana, explica que o sujeito, em se tratando de experiência subjetiva, é uma rede de crenças e de desejos. As subjetividades são resultado dos usos dos vocabulários ou das formas como os indivíduos aprendem e ensinam a ser sujeitos.

No decorrer de seu raciocínio, Costa (2012) exemplifica a relação que esse vocabulário desempenha, em determinada cultura, a partir da comparação de Teddy como sendo Michii, um homem adulto pertencente à tribo Akaramas. Michii seria alguém que pratica relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres de sua tribo e, após se masturbar em rituais coletivos, atacava os povos vizinhos matando-os; em seguida, tirava-lhes o coração. Para quem pertence à cultura ocidental, esse ato seria aterrorizante, de acordo com o teórico, Tobias Schneebaum que viveu entre os Akaramas e foi levado para participar de um desses rituais. Para Costa (1992), o espanto perante esses costumes revela o retorno do recalado.

O que distinguiria Michii e Teddy dos demais seres humanos, conforme o autor, seria a forma como introjetaram a linguagem para lidar com a morte e a destruição, sempre presentes nas psiques dos sujeitos. Teddy aprendeu, em sua cultura, a respeitar a vida, a liberdade. Michii, ao contrário, não aprendeu a perceber, a não ser nos membros de sua tribo, o grau de humanidade dos membros de outras culturas. Para Michii, o gozo com a morte, a antropofagia, a sexualidade aberta e não privada, são elementos admissíveis. Fora dessa cultura, ele seria considerado um monstro. De acordo com Laraia (2004, p. 48), em seu livro *Cultura – Um conceito antropológico*, “[a] cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. [...] O homem age de acordo com os seus padrões culturais”. Como se pode perceber, o sujeito nunca está isolado ou alheio às normas vigentes na sociedade, e estas podem variar de cultura para cultura, dentro de uma escala temporal.



No campo da psicanálise, segundo Costa (1992), ao se enunciar uma regra moral, os sujeitos falam do interior de uma prática linguística que exprime preferências por determinadas condutas. Retomando os estudos de Freud, o autor exemplifica com o mito do parricídio primordial, ao afirmar que ou os indivíduos aceitam as regras do que pode ou não ser feito, ou os sujeitos se exterminam. Freud defende que por mais que se instituem regras, elas não são suficientes para encerrar o embate entre Eros e Thânatos. O primeiro, na mitologia grega, deus do amor e do erotismo, e o segundo, personificação da morte.

No trabalho de Dias (2016) nota-se essa relação da pulsão de vida e de morte no que diz respeito à necrofilia, primeiro porque, conforme a autora,

[o] irrefreável embate entre vida e morte não é recente. Sêneca já havia apontado como a natureza joga com os contrários e com a harmonia que deles deriva. Quando Freud reconheceu a presença do instinto de morte em nossa psique, também admitiu a existência de instintos de vida, reunidos sob o nome de Eros. Na verdade, os instintos de autopreservação exigem a mescla à agressividade para o seu funcionamento. E impulsos agressivos e cruéis se acham intimamente ligados ao prazer e à gratificação (DIAS, 2016, p. 218).

Sigmund Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920), uma série de trabalhos metapsicológicos, apresenta uma dicotomia entre Eros e os instintos de morte. Um dos temas recorrentes nas produções do psicanalista é a teoria pulsional. Dividindo-as a partir de duas concepções, pulsões do Ego, voltadas para autoconservação individual, e pulsões sexuais, responsáveis pela reprodução e pela conservação da espécie, ao falar sobre a pulsão de morte, diz que ela se volta à diminuição da excitação, e a pulsão de vida, ao investimento e à unificação. Na teoria sobre o princípio do prazer, o autor, ao inserir a pulsão de morte, clarifica o entendimento da agressividade, das práticas de sadismo e de masoquismo. Ações estas que podem ser vistas em Leopoldo, protagonista do romance, ao usar do sadismo ao abusar sexualmente da própria mãe, ou com a esposa, após esta se suicidar. Segundo Freud (1920, p. 167),

[e]mbora a psicanálise via de regra se esforce por desenvolver suas teorias tão independentemente quanto possível das outras ciências, é contudo obrigada a procurar uma base para a teoria dos instintos na biologia. Com fundamento em uma consideração de longo alcance dos processos que empreendem construir a vida e que conduzem à morte, torna-se provável que devamos reconhecer a existência de duas classes de instintos, correspondentes aos processos contrários de construção e dissolução no organismo. Segundo esse ponto de vista, um dos conjuntos de instintos, que trabalham essencialmente em silêncio, seriam aqueles, cujo objetivo é conduzir a criatura viva à morte e, assim, merecem ser chamados de '*instintos de morte*'; dirigir-se-iam para fora como resultado da combinação de grande número de organismos elementares unicelulares e se manifestariam como impulsos *destrutivos ou agressivos*. O outro conjunto de instintos seria o daqueles que nos são mais bem conhecidos na análise: os instintos libidinais, sexuais ou instintos de vida, que são mais bem abrangidos pelo nome de *Eros*; seu intuito seria constituir a substância viva em unidades cada vez maiores, de maneira que a vida possa ser prolongada e conduzida a uma evolução mais alta. Os instintos eróticos e os instintos de morte estariam presentes nos seres vivos em misturas ou fusões regulares, mas '*desfusões*' também estariam sujeitas a ocorrer. A vida consistiria nas manifestações do conflito ou na interação entre as duas classes de instintos; a morte significaria para o indivíduo a vitória dos instintos destrutivos, mas a reprodução representaria para ele a vitória de Eros.

Em *Além do princípio do prazer*, o estudioso da mente humana revisitará a divisão inicial das pulsões. Estas caracterizadas como energias vinculadas à libido, propiciadora de um movimento que careceria de um estimulador externo. A pulsão, a fonte de onde sai o estímulo, carecerá de um destino, de um alvo, o local no qual a pulsão seria eliminada. O psicanalista dirá que há uma dualidade na vida psíquica, a primeira composta pela energia que leva à ação e a outra à inanição. Ou seja, as que estimulam a ação são as Pulsões de Vida, fundamentadas em Eros e as que levavam a uma paralisação foram denominadas de Pulsões de Morte, representadas pela personificação da morte, Thânatos. Leopoldo não consegue controlar os seus impulsos, não consegue derrotar Eros, uma vez que ele compõe a sua psique, no embate entre Thânatos, o prazer pela necrofilia e outros atos perversos sobressaem. Para que não se autodestrua, Leopoldo lança fora os seus anseios sexuais, os seus desvios, ao dominar as fotografias, os viúvos e viúvas, e os próprios entes familiares e ao transgredir a lei.

A psicanálise desempenhou e continua no exercício de oferecer subsídios para a compreensão da psique humana. Freud, com os seus trabalhos, abriu possibilidades de desvelar o consciente e o inconsciente humano. Em seu livro *Três ensaios sobre sexualidade*, de 1905, o psiquiatra desenvolveu um importante estudo sobre a constituição sexual dos seres humanos. Segundo o psicanalista, a sexualidade dos indivíduos começa desde quando são bebês. Esse período da infância recebe o nome de fase oral, etapa que vai de zero a um ano de idade, na qual o bebê, ao entrar em contato com o seio da mãe para se alimentar, estimula as chamadas zonas erógenas, neste caso, a boca. O prazer da criança é autoerótico, ou seja, visa o próprio prazer.

A segunda etapa, fase anal, dos dois aos quatro anos, oferece à criança a possibilidade de controlar as suas fezes. A zona erógena passa da boca para essa região. A terceira fase, chamada fálica, é a da descoberta das partes genitais. Dos quatro aos seis anos de idade, a criança passa pelo *complexo de Édipo*, isto é, o menino, desejando a mãe, busca “eliminar” o pai. Nesse período, os meninos sofrem com o medo da castração e as meninas com a inveja do pênis. Percebendo que na menina falta o pênis, o menino teme perdê-lo, e a menina, notando que em si falta o pênis, sente o desejo de possuí-lo.

A não condução correta do desprendimento da mãe e do filho, no caso do complexo de Édipo, poderá desencadear uma série de problemas na formação da autonomia da criança quando adulta, além de outras complicações. Outras fases apontadas por Freud (2019) são o período de latência, quando há o deslocamento da libido para atividades escolares, e a fase genital, a qual propiciará a retomada dos impulsos sexuais que culminará na vida sexual adulta, entendida como sendo a da procriação, ou não. Na formação das etapas sexuais pode haver interferências que vão desviar a pulsão sexual (necessidade sexual) do objeto (de onde sai a pulsão), para um alvo incomum, como é o caso da necrofilia. Isso explica o desejo que o necrófilo possui pelo corpo morto. Freud (2019) afirma que

[a]inda assim, em muitas dessas perversões a qualidade do novo alvo sexual é de tal ordem que requer uma apreciação especial. Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las “patológicas”, sobretudo nos casos em que a pulsão sexual realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências (vergonha, asco, horror ou dor) (FREUD, 2019, p. 87).

O psicanalista chama de perversão “(a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final” (FREUD, 2019,

p. 92-93). Nesse sentido, tanto o rompimento com o alvo voltado para a união das partes genitais, quanto os atalhos na satisfação da pulsão instauram sentidos ao sentimento necrofílico. Segundo Lucena e Abdo (2014),

[c]om o lançamento da 5ª edição do DSM, há distinção entre o comportamento humano atípico e o comportamento decorrente de um transtorno, que é aquele que causa sofrimento, ameaça física ou psicológica para si ou para o bem-estar de outros indivíduos. De acordo com a nova classificação, a maioria das pessoas com interesses sexuais atípicos não tem um transtorno mental. Para o diagnóstico do transtorno parafilico, o DSM-5 requer que a pessoa com interesses sexuais atípicos:

- sinta angústia pessoal sobre o seu interesse sexual, não apenas sofrimento resultante da desaprovação da sociedade, ou
- tenha desejo ou comportamento sexual que envolva o sofrimento psicológico, lesões ou morte de outra(s) pessoa(s), ou prática sexual que envolva pessoas que não querem ou que sejam incapazes de dar o seu consentimento legal.

A explicação que as autoras fazem sobre o DSM-5 acerca do aspecto da desaprovação social esclarece o comportamento do necrófilo, que rompe com a lei e a cultura para satisfazer as suas pulsões. Alguns estudos sobre casos reais mostram como são os perfis dos necrófilos. No artigo intitulado *A certeza da morte: um caso de necrofilia*, de Yan de Jesus Lopes (2018), o psicólogo analisa os crimes e o perfil de José Augusto do Amaral (1871 – 1927), conhecido como Preto do Amaral, “considerado a fins antropológicos, como, o primeiro serial killer brasileiro” (LOPES, 2018, p. 2). Caracterizado como um necrófilo pederasta, aquele que tem as crianças mortas como a sua preferência, Amaral atraía suas vítimas, a maioria delas meninos, e as assassinava, mantendo relações com elas logo em seguida. O tamanho do pênis de Amaral é apontado como um dos motivos dos abusos cometidos. Quando adolescente, ao procurar por prostitutas, elas sempre o recusavam em uma segunda vez. O corpo morto, sem poder reclamar, serviria como satisfação de seus prazeres. Após cometer suas atrocidades, Amaral sofria com alucinações. “Nunca demonstrou sinais de arrependimento, más, [sic] o mesmo fala sobre ser atormentado pelos fantasmas de suas vítimas” (LOPES, 2018, p. 5).

Outro caso de necrofilia é o de BGL, de 49 anos e aposentado, a sigla utilizada é para preservar o seu nome, conforme denota Moscatello (2010), autor do artigo *Necrofilia: uma rara parafilias*. O necrófilo, embriagado, teria violentado o cadáver de uma mulher de 82 anos ao introduzir um cabo de vassoura em sua vagina. BGL tinha o costume de violentar cadáveres de homens, mas, em depoimento à polícia afirmou também manter relações com mulheres. De acordo com Moscatello (2010), os irmãos do necrófilo disseram que ele, aos 15-16 anos de idade, costumava furtar caixões de crianças em uma funerária, chamando as pessoas para um velório, porém, ao chegarem ao local, os caixões estavam vazios. O necrófilo teria sido abusado sexualmente por um homem quando era jovem.

O histórico de Preto do Amaral e de BGL não se desassocia do de Leopoldo, a personagem de Ribeiro (2005), mostrando que o trabalho dos escritores é o de representar a realidade, recorrendo ao que Aristóteles, em sua *Arte poética*, chamou de *mimesis*. Segundo Aristóteles (2001, p. 2) “as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós”. Como campo do humano, os caracteres das personagens das produções literárias serão os das inúmeras possibilidades existentes na sociedade. De acordo com Wolfgang Iser (1983, p. 398), “as ficções não só existem



como textos ficcionais; elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo". A obra literária mostra quem são os sujeitos e aqueles em seu entorno. É um efeito de reconhecimento.

De acordo com Dias (2016), vários autores usaram a necrofilia como tema de suas criações, entre eles Shakespeare (1599-1601) e Cyril Tourneur (1608), durante o Renascimento; no século XIX, o autor brasileiro Álvares de Azevedo com *Noite na Taverna*, de 1855, e Edgar Allan Poe com os seus contos macabros; Bataille, De Wargny e Faulkner no século XX, incluindo Gabrielle Wittkop. O romance de Ribeiro (2005) insere-se na linha dessa tradição, a qual evidencia que o comportamento necrofilico tem atravessado séculos e instigado diversas áreas do conhecimento, inclusive a da linguagem literária.

## 2 A ARTE IMITA A VIDA: NECROFILIA VERDADEIRA E FANTASIADA E A GALERIA DE PERVERSÕES DE LEOPOLDO

Leopoldo, personagem maldito, coleciona desejos sexuais, fetiches e crimes. Hiperbólica, a personagem traz em si as marcas do incesto, do estupro, da necrofilia, dos furtos domésticos para que as empregadas ficassem com ele quando adolescente, do satanismo, das incitações de aborto de Aurora, com quem se relaciona na trama, engravidando-a, entre outras. Estabelecendo uma relação conturbada com sua família, vive em um casamento fetichista e sem amor com Eulália, compulsiva em perfumes, em chapéus, em guardar pirulitos na gaveta de calcinha e em lavar seus sapatos quando retornava da rua.

A personagem protagonista não conseguiu romper com o complexo de Édipo com Tarsila, sua mãe. Ao mesmo tempo em que a deseja sexualmente, culpa-a por tudo, chamando-a de Lilith, "a demoníaca, que, atormentada por uma legião de desejos, promove o ódio entre os casais" (ECKEL, 2005, p. 178). Leopoldo acusa Tarsila por não levá-lo à missa e ensiná-lo a rezar, por não lhe contar histórias, por não ser presente em casa. O filho acreditava que o pai fosse um "modelo", até o momento em que descobre o seu caso com Custódio. Aristides, segundo Leopoldo, teria se suicidado por não admitir as traições de Tarsila, contudo, o que se vê no romance, é a procura de Aristides por amantes que pudessem ficar com Tarsila para satisfazê-lo em seus desejos lascivos. A mãe do necrófilo também mantinha relações com a própria nora, Eulália, demarcando os espaços de traição, sexo e ilimites.

Diversas experiências contribuíram na formação identitária e sexual de Leopoldo. Quando adolescente, mantinha relações com as empregadas, se esfregava nos travesseiros, notava que a mãe saía com os amantes, foi assediado por uma professora de piano que lhe causava náusea. Tudo isso parece ter influenciado seus futuros atos perversos.

O espaço percorrido por ele, o cartório, e a profissão, detetive, foram fundamentais na satisfação dos seus prazeres. No excerto abaixo, percebe-se a relação oculta entre ele e as fotografias, evidenciando o primeiro tipo de necrofilia a ser analisado: a *fantasiada*.<sup>4</sup>

As imagens das vítimas, estampadas no miolo daquelas pastas pardas, domavam os sentidos do menino adolescente e às escondidas, ele, em ritual, reiterava um dos processos do arquivo e levava-o para o banheiro. Imaginava-se a esfregar naquelas carnes mortas e, sequencialmente, a penetrar o corpo da vítima exposto

---

<sup>4</sup> Segundo Moscatello (2010), ao usar os estudos de Anil Aggrawal, há uma nova classificação para necrofilia: pseudonecrofilia (uma pessoa finge estar morta), necrófilo romântico, platônicos ou fantasias necrófilas, necrófilos táteis, fetichista, necromutilomania, necrófilos oportunistas, regulares, homicidas e exclusivos.

em séries de fotografias periciais. Todos os dias se masturbava, internalizando, cada vez mais, imagens que tinham tudo de bizarro. E algumas vezes chegou a fazer algumas cópias para levar para casa porque acreditava que sem aqueles retratos não chegaria ao pico do prazer (RIBEIRO, 2005, p.14-15).

As fotografias pelas quais Leopoldo se sentia excitado trazem histórias tristes. São exemplos: Mauro, marido de Arísia, que teria morrido enforcado após uma reunião de negócios; Rubens Tadeu, apontado como amante de Aurora, que fora assassinado; Athina, assassinada durante um assalto. No excerto acima, o narrador confessa as suas atrocidades e, ao mesmo tempo, mostra como a adolescência de Leopoldo foi marcada pelo amor aos mortos. A necessidade é intensa, impossibilitando que ele se veja livre dela. Altamente psicológica e fisiológica, à medida em que se masturba internaliza as imagens, gravando-as e as associando em sua memória, torna-se cativo das próprias perversões. Ao canalizá-las, passa a viver constantemente no ápice do prazer.

Veio-me de novo o fascínio que os retratos de corpos mortos exercia na central dos meus hormônios. Quando adolescente, cuidando-me para não ser visto por meu pai nem por Custódio, eu, disfarçadamente, escolhia um dos processos e o escondia no banheiro. Daí, meus nervos iam se transformando em pura carne. Entrava no secreto e, já na intimidade, alisava as coxas rijas impressas nas fotografias da vítima e sentia meu pênis penetrando em cada putrefação apontada pela perícia. Aquilo era de um gosto tão intenso, que cada labirinto comprimia e dimensionava o meu prazer. E os retratos mudavam de textura, acariciavam-me de tal forma ardentes que, ali mesmo no piso, gozávamos, a um só tempo, as fotografias e eu. Amava aqueles e era por eles amado, talvez por não tê-los condenado à morte (RIBEIRO, 2005, p. 24-25).

Desde a adolescência, o rapaz trazia consigo o desejo sexual pelos corpos mortos, porém não o materializava, ao se apossar de um. Tudo permanece no campo da solidão e da fantasia. Saber que ninguém o percebe enquanto pratica os atos sórdidos aumenta a sua busca por satisfazê-los. De acordo com Dias (2005, p. 217) “não há dois amantes na relação; o necrófilo ama sozinho”. Isso acontece, pois, segundo a autora, durante o ato sexual, as pessoas estão em relação consigo mesmas, tendo como mediador o corpo do outro. Contrapondo sexo e amor, na visão de Dias (2005), no amor, há a necessidade da alteridade, que consistiria no confronto de duas representações diferentes, o que não acontece com os necrófilos, a exemplo de Leopoldo, que estabelece as suas realizações na esfera da solitude. A personagem reforça estar só com os seus desejos, mas, além dela, outros seres humanos também vivenciam os seus abismos, os seus segredos e os seus dilemas.

A narrativa de Ribeiro (2005) coloca à prova as instâncias sociais. Retira as máscaras que os sujeitos trazem à face e mostra o lado oculto que cada um carrega. Instituições e sentimentos, tais como família, casamento, amizade, amor são deslindados e desromantizados. O próprio Leopoldo se incube disso, de afrontar e confrontar: quem poderá julgá-lo? Em vida, seu casamento com Eulália foi sintetizado nos fetiches e na pena que ele nutria por ela. No dia do seu velório, nem o pai, Arthur, compareceu, apenas enviou um telegrama com os pêsames.

No seguinte trecho, Leopoldo pratica pela primeira e única vez a necrofilia dita *verdadeira*. As suas demais experiências não saíram do plano da fantasia. Precisava do não consentimento, precisava amar sozinho e colocar em prática o seu narcisismo sexual.

Leopoldo guardava na boca a essência do beijo. Enquanto procedia a cerimônia fúnebre, seu corpo continuava ardente, conservando o gosto da compulsão experimentada quando, apesar de perceber a ausência de Eulália, arrancou suas vestes,

afogou o rosto em seus cabelos pretos, beijou-lhe a boca colorida de batom, esmiuçou-lhe os seios róseos, buscou-lhe o paladar do púbis e estremeceu ao encontrar pela primeira vez, entre as coxas daquela mulher gélida, todo o fogo que durante uma vida ficara escondido sob as cinzas do chapéu. Disfarçadamente, enfiava a mão no bolso para acariciar o filme que continha a última nudez de Eulália. Agora, eram os retratos dela a sua compulsão. Compreendeu que Tarsila continuava, porque era ela o seu calvário (RIBEIRO, 2005, p. 104).

A própria Eulália, que no fim da vida se suicidou, era descrita como uma mulher morta em vida. O chapéu enterrado na cabeça, os perfumes parisienses que pareciam transmitir o cheiro das coroas de flores dos cortejos fúnebres, compunham sua atmosfera. Mesmo exalando o óbito, Leopoldo não foi capaz de amá-la. Aliás, o que é o amor, sabendo-se a partir da exposição de Costa (1992), usando Teddy como exemplo, que cada um possuirá seu vocabulário cultural sobre o que esse sentimento significa. “Platão afirma que, no amor, há o germe do universal. Schopenhauer amaldiçoa as mulheres que amam por darem continuidade à espécie humana” (DIAS, 2015, p. 216). Eulália não concebeu filhos, não por ser estéril, mas por voltar toda a sua dedicação amorosa aos seus fetiches. Eles eram para ela, assim como para Leopoldo, o ponto de satisfação individual. Não havia aborrecimentos da parte dos perfumes, ou das fotografias, mas a total entrega de quem não podia resistir ou exigir. Leopoldo não se servirá das fotografias de Eulália para se lembrar da esposa com afeto, mas para satisfazer os seus desejos malditos.

Do mesmo modo que Amaral, necrófilo do artigo de Moscatello (2010) sofria com as alucinações após cometer seus crimes, Leopoldo transitava entre o onírico e o real, chegando a ver as pessoas mortas com as quais ele, por meio das fotografias, se satisfazia. Ribeiro (2005) traz para a sua narrativa todas as possibilidades em torno da necrofilia, desde o satanismo, como era julgada a prática anteriormente, até as causas psíquicas desencadeadas a partir de complexos na má-formação familiar e individual.

Leopoldo ficou lívido enquanto, novamente, os processos se movimentavam. De dentro deles foram saindo imagens distorcidas e intensas, que tomavam forma e alongavam-se em sua direção. Um cheiro de velas e flores constrangeu o ambiente. E um difuso clarão iluminou os vultos, que, humilhados em suas vergonhas, foram tornando-se identificáveis e ameaçadores. Leopoldo tentava de todas as formas fugir do desconforto que as visões lhe provocavam. Todos os homens e mulheres que ele, de alguma forma, usou para alimentar seu lado diferente, estavam ali e cobravam honra, gritando-lhe improperios. Apavorado, com dificuldades se levantou e percebeu que a extensa cerca de fantasmas impedia-lhe a saída. Se apalpava e, apesar das roupas, sentia no tato a tensão de suas carnes duras. Chegou a imaginar que era também um deles e, passado para outra dimensão, teria que se encontrar com o Satanás e sua rede de sadismos, pois estava certo de enlouquecer-lhe a consciência. Crispado pelo medo, pediu socorro à imagem de Aristides Dornellas, que, do canto, o observava com ares de desaprovção (RIBEIRO, 2005, p. 100-101).

A psique de Leopoldo o condena. Tomado pelo pavor, tenta fugir das atrocidades cometidas, mas não consegue. Para ele, os fantasmas das pessoas mortas estão à sua frente, mas é o seu consciente que não está em equilíbrio. A personagem, no decorrer de sua travessia, recebe a companhia do Demônio que se alimenta das vítimas. “Se fosse um Demo, haveria de se ver com o outro que respira do meu lado” (RIBEIRO, 2005, p. 118). Desde novo, a personagem sofre com as alucinações, resultados das questões que já se encaminhavam mal resolvidas. E sempre, o demônio Lilith, ou Tarsila, sua mãe, o persegue.

Na *travessa dois*, ida, Leopoldo, ao acordar de seus sonhos, se depara com os seios de sua mãe dependurados no teto, jorrando leite sobre ele, mistura-se ao seu esperma esbranquiçado que escorre no banheiro do cartório. Enquanto isso, Tarsila o olha do canto e ri sensualmente. Na *travessa quatro*, retorno, Leopoldo, ao desabafar com Marina, fala que vê os olhos azuis do seu filho com Aurora surgindo em todos os objetos, ambos, mãe e filho, haviam sido assassinados por ele. É por este motivo que Leopoldo teria ido embora da casa de Edilberto, seu também amante, companheiro de Leonel, que se suicidou. Edilberto manteve um caso com Eulália, e Leopoldo chegou a descobrir a relação entre ambos. Leopoldo deixou a casa de Edilberto levando consigo os seus elefantes voadores, devido ao medo que estes tinham dos olhos de seu filho morto. Os animais se configuram na narrativa como produtos das psicoses de Leopoldo que não foram superadas, conforme afirma Eckel (2005), no posfácio do livro.

Os estudos psicanalíticos fornecem subsídios para a compreensão dos comportamentos das personagens literárias, como é o caso de Leopoldo. Pautando-se no que o DSM-5 diz a respeito do diagnóstico do transtorno parafilico e correlacionando-o à vida de Leopoldo, tem-se que a personagem sente angústia sobre o seu interesse sexual. Prova disso é quando Leopoldo, ao falar sobre Marina, seu porto seguro, que não o julgava diz: “O amor de Marina me acalmava e deixava a minha consciência sem ruídos” (RIBEIRO, 2005, p. 91). Os ruídos são as perturbações psíquicas provocadas por toda a sua vivência em meio aos prazeres e crimes. Se o outro componente é o desejo sexual que envolve o sofrimento psicológico e lesão ou morte de outras pessoas, Leopoldo se encaixa perfeitamente nessas exigências. Na ficcionalização de Maria Luísa Ribeiro, o ponto terapêutico, de escuta psicanalítica, parece funcionar com o divã Marina, ou divã-bacia-fetice, pois, a personagem nutre um prazer por aquele objeto que evoca a imagem da mulher até então desconhecida, com a qual ele se encontrou, após o pai lhe esfregar um chapéu em rosto quando criança; aquela mulher de cheiro único e substituível que lhe ofereceu amparo em seus seios. Leopoldo afirma que ela era a única que o compreendia, sem julgá-lo. Vê-se essa afirmativa no seguinte trecho:

A única a quem revelei a minha verdadeira personalidade. A ela consegui detalhar todas as travessas que percorri na *via crucis*. Contei-lhe de minhas excentricidades, do meu fascínio por esperma, suor, óvulo e sangue. Entreguei-lhe meu membro marcado de todos os buracos do mundo. Expus-lhe a benevolência de meus cadáveres arquivados e do demoníaco prazer que carregava para assustar os anjos dos pudicos. Marina era mesmo diferente: não julgava meus ilimites nem se assustava com meus escombros. Ouvia-me sem deixar vaziar temor (RIBEIRO, 2005, p. 95, grifos no original).

Em toda a narrativa, ninguém foi capaz de ouvi-lo, de lhe dar atenção ao desabafar. As demais pessoas, Eulália, Tarsila, o seu pai, as suas vítimas, serviam apenas para sua satisfação. Marina era o ponto terapêutico, a escuta, como um psicanalista que ouve o seu paciente sem condená-lo pelos seus atos, mas que busca formas de auxiliá-lo no tratamento das perturbações psíquicas.

Posto isso, o romance de Ribeiro (2005) choca, pois mostra lados que a sociedade busca ocultar, ou não comentar. Por trás das falsas aparências, das personagens caóticas, a procura pela superação de si, pelo rompimento com os desejos sórdidos, se confunde com a fraqueza do sujeito, movido pelo embate constante entre Eros e Thânatos. Pulsões de prazer que tanto pedem para que sejam satisfeitas, mesmo que para isso, outras personagens sejam prejudicadas. É a disputa de quem consegue sobreviver à solidão, à tristeza, à angústia. Leopoldo diz para Marina, na *travessa quatro*, retorno, ao expressar suas angústias psíquicas que “só conseguirei me livrar deles se eu for embora de mim. Por isso quero lhe dizer que estou propenso a ir e nunca mais me encontrar”

(RIBEIRO, 2005, p. 149). Dividido entre a necessidade de satisfazer suas pulsões e a de pedir perdão pelos atos que cometeu, Leopoldo continua, mesmo com o término da narrativa, na peregrinação rumo ao abismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista dos aspectos culturais, a prova que se teve é a de que a necrofilia, vista pelo prisma sociocultural e histórico, recebe interpretações diferentes, sendo aceita ou não. Paralelamente a isso, o escritor deixa as suas marcas ao retratar por meio da obra literária essas personagens complexas. Ribeiro (2005) deixa como testamento, para o século XXI, os pedaços de lápides, de corpos, dos destroços sentimentais que compõem a intimidade humana. Os estudiosos da psique humana abriam caminhos para se entender esse comportamento que carece da transgressão da lei, e do silêncio do outro no momento da copulação.

Verdadeira ou fantasiada, a necrofilia em Leopoldo evidenciou mais do que uma patologia, esboçou em seus delírios toda uma desestrutura familiar que teria influenciado os seus comportamentos sádicos. Ribeiro (2005) oferta aos seus leitores as travessas de experiências únicas. Eleva o *status* de reflexão a um nível máximo quando transpassa o impossível. Na caminhada final de Leopoldo há avaliações internas e externas a serem feitas, pontos de interrogação que permanecem sobre o fardo da vida.

A cruz como símbolo de tudo aquilo que não se quer carregar, daquilo que se quer negar para transcender a um lugar maior, talvez seja o treinamento para a elevação da consciência na purificação dos erros cometidos. Leopoldo e as demais personagens se fizeram humanos na medida em que serviram à encenação narrativa deixando à mostra ao leitor, todos os seus crimes e perversões.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARISTÓTELES. *In.: Arte Poética*. 2001. Disponível em: <encurtador.com.br/giotE>. Acesso em: 24/12/ 2019.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício* – Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DIAS, A. L. *Desmantelando o monstro: O necrófilo de Gabrielle Wittkop*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2º Semestre de 2016.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. <encurtador.com.br/krHM5>. Acesso em: 28/06/ 2020.



FREUD, S. *Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 7. Disponível em: <encurtador.com.br/yAGMO>. Acesso em: 24/12/2019.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. DP&A Editora, 2006.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional.1983. In.: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp. 385-412.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, A. P. *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A centopeia de neon e Os cordeiros do abismo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, UFG. 2013.

LUCENA, B. B.; ABDO, C. H. N. Transtorno parafílico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª ed. (DSM-5). *Diagn Tratamento*, 2014.

LOPES, Y. J. *A certeza da morte: um caso de necrofilia*. Psicologia.pt, 2017.

MACEDO-ECKEL, E. Leopoldo e a via cruz de demoníacos prazeres. In.: RIBEIRO, M. L. *Os cordeiros do abismo*. Goiânia: R&F, 2005.

MOSCATELLO, R. Necrofilia: Uma rara parafilia. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. vol. 32. nº 3, 2010.

RIBEIRO, M. L. *Os cordeiros do abismo*. Goiânia: R&F, 2005.